

## A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA NO PLANEJAMENTO AMBIENTAL: UMA OLHAR SOBRE AS SITUAÇÕES DE DESASTRES NATURAIS

Esther Ferreira Guimarães<sup>1</sup>, François L. Alves<sup>2</sup>, Marcelo Henrique da Costa<sup>3</sup>, Francisco de Assis Dourado da Silva<sup>4</sup>,

(<sup>1-3</sup>Universidade Veiga de Almeida – UVA, R. Ibituruna, 108 - Maracanã, Rio de Janeiro - RJ, 20271-020,;

<sup>2</sup>Discente do Mestrado Profissional em Gestão e Regulação de Recursos Hídricos Prof. Água UERJ;

<sup>4</sup>Centro de Pesquisa e Estudos sobre Desastres da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – <sup>1</sup>Autor de correspondência: [estherfguimaraes@gmail.com](mailto:estherfguimaraes@gmail.com) )

### INTRODUÇÃO

As constantes variações que ocorrem nos ecossistemas, seja por causas naturais e/ou antrópicas, impactam diretamente na percepção e atitude mental do homem, fato que se constitui como fundamental para que os planejadores ambientais se utilizem da psicologia moderna e suas vertentes para solucionar (ou minimizar) problemas ambientais que atinjam a saúde mental coletiva e individual. Entre os problemas ambientais podemos destacar os desastres naturais como sendo o de maior relevância para a saúde mental de uma população atingida.

Os desastres naturais transparecem em muitos casos as atitudes precárias (ou falta delas) dos planejadores ambientais, digam-se os gestores relacionados ao planejamento do território, como a expansão da área urbana de forma desordenada, falta obras de infraestrutura de saneamento, descaso com o ecossistema local e outras causas que, agregada à ocorrência de eventos naturais de grande intensidade (como chuvas torrenciais, tempestade, cheias, deslocamento de massas e outros), desdobrassem em uma cadeia de impactos ambientais socioeconômicos, conforme cita o relatório do World Bank & United Nations (2010).

Descartando esse cenário, temos que o planejador ambiental, ou gestor ambiental, não é um único profissional no cargo estabelecido, mas todo profissional em que as atribuições do seu posto exijam planejar, desenvolver e executar projetos que visam à preservação do meio ambiente, sempre em harmonia com as questões sociais e econômicas. Assim podemos entender no âmbito da estrutura governamental (município, estado, união) que esse profissional está inserido nas secretarias: de meio ambiente, de agricultura, defesa civil, obras e infraestrutura e outras (dependendo da particularidade de organização administrativa de cada governo).

Com um enfoque reflexivo é possível perceber que os gestores ambientais em muitos casos, não possuem em suas formações profissionais a disciplina de psicologia aplicada em seu campo de atuação, como tampouco não possuem a assessoria do profissional de psicologia no que tange ao planejamento ambiental. No Brasil, sobretudo na última década, começou-se a considerar a saúde mental como ação crucial nas respostas a desastres (Valencio *et al.* 2011), porém não se percebe ainda considerar a saúde mental na fase de planejamento ambiental por muitos gestores como se nota na prática, tendo como hipótese a limitação no entendimento por partes dos gestores ambientais de como a psicologia pode ser aplicável ao planejamento ambiental, principalmente para evitar ou minimizar possíveis situações de desastres.

Ante o exposto, uma das possibilidades é incluir na formação do gestor ambiental a cadeira de psicologia ambiental e a inserção do trabalho de psicólogos em contextos de planejamento ambiental, em especial nas situações de desastres.

Tratando-se do estudo em questão, pretendeu-se como objetivo elencar os principais pontos-chaves em que a psicologia moderna pode contribuir no planejamento ambiental com fins a evitar ou minimizar situações de desastre ambientais.

### MATERIAL E MÉTODOS

O aprofundamento teórico sobre a psicologia moderna e suas aplicações na área ambiental, incluindo o levantamento da atuação do psicólogo no cuidado da saúde mental de populações atingidas, os aspectos legais que envolvem a psicologia e os desastres naturais referendados com base documental, classificam a pesquisa como de abordagem qualitativa.

A metodologia empregada está baseada na análise de conteúdo, podendo ser definida como um conjunto de instrumentos metodológicos que têm como fator comum uma interpretação controlada, baseada na inferência (Bardin 2010). Procedendo Bardin (2010) que a análise de conteúdo é um procedimento dedutivo, sendo classificada também como uma pesquisa qualitativa, esse tipo de pesquisa visa a relacionar a teoria e os dados, a teoria e a ação, por meio da compreensão dos fenômenos por meio da descrição e exame, como também das experiências pessoais dos pesquisadores (Teixeira 2000).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Os desastres naturais e a saúde mental da população

Os desastres naturais são abordados de forma transdisciplinar, caracterizados e classificados por eventos de origem natural, como hidrológica, meteorológica, climatológica, geofísica e biológica gerando danos materiais e vítimas que excedem a capacidade de recuperação local de maneira independente, necessitando da assistência externa (Guha-Sapir *et al.* 2012; Noy 2009). Dentro da perspectiva psicológica Sá, Werlang e Paranhos (2008), destacam que os desastres naturais são dramas humanos, justificando a preocupação de se levar em conta os aspectos envolvidos, de atenção à saúde física, às perdas materiais e, também, entender a aflição e as consequências psicológicas decorrentes dessas situações.

No que tange a saúde mental de uma determinada população é possível discernir que uma comunidade que apresenta elevado bem-estar psicológico (BEP) possui como reflexo uma boa saúde mental. O bem-estar psicológico está interligado com a satisfação com a vida, que é o arbítrio que o sujeito faz sobre sua vida (Keyes & cols. 2002) e que reflete o quanto esse indivíduo se percebe distante ou próximo das suas pretensões (Campbell & cols. 1976). Para Ryff e Keyes (1995), que apresentaram a BEP de maneira reformulada e reorganizada, o bem-estar psicológico é baseado em seis componentes: auto aceitação, relacionamento positivo com outras pessoas, autonomia, domínio do ambiente, propósito de vida e crescimento pessoal.

Um cenário de desastre natural, como um deslocamento de massa que soterra casas e pessoas, deixando o sujeito sem sua moradia, sem seus bens e ocasionando perda afetivas abala diretamente o bem-estar psicológico devido ao trauma. De uma maneira concreta notasse que dentro dos estudos da saúde mental, o trauma psicológico é o conceito que surge como o elemento fundamental do cenário de cuidado produzido em desastres (Fassin 2007).

Todo e qualquer tipo de trauma é causado por um agente externo, no caso em questão decorrente de desastres naturais, assim o psicólogo que estiver atuando dentro da tragédia como agente de primeira resposta deverá direcionar sua escuta para o discurso da vítima com intuito de auxilia dentro das suas reais necessidades, já que em alguns casos o sujeito pode vir a sofrer com a perda de sua identidade. Segundo o conceito de Coelho Junior (2016) o trauma é um acontecimento que quando é vivido com intensidade gera impactos que irão afetar a vida da vítima que vivenciou a tragédia desde o momento vivido, afetando sua dinâmica na atualidade e podendo inclusive a fazer parte do cotidiano.

### A psicologia aplicada aos desastres naturais

Devido às consequências dos cenários traumáticos de desastres naturais, é percebido a participação atuante do psicólogo principalmente na fase pós-desastre. Discorre Franco (2005) que nessa fase a atenção psicológica tem a intenção de diminuir o stress agudo ocasionado pelo impacto do trauma, por intermédio de intervenções que tenham por propósito restituir a predominância da atividade cognitiva sobre as reações emocionais e facilitar uma compreensão, a nível cognitivo, do que ocorreu.

Com a finalidade de atender as necessidades do pós-desastre surgiu a área da psicologia conhecida como “Psicologia das Emergências”, que para Bruck (2007), tem como objetivo o estudo, apoio e a intervenção psicológica (quando possível) em emergências, como os desastres naturais, com ações preventivas indo até a assistência no pós-trauma das vítimas. Uma das funções específicas dessa área da psicologia é assimilar e intervir sobre as consequências que o desastre natural causa sobre o comportamento individual e coletivo, analisando também as condições subjetivas dos indivíduos vítimas pelo desastre (Mattedi 2008).

Um dos estudos da psicologia das emergências é sobre o transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), que é percebido dentro do cenário caótico pós-desastre, tal transtorno pode juntamente com fato do sujeito não desenvolver a capacidade de recuperação trazer sérios prejuízos psicológicos com grandes chances de o trauma vir a se tornar uma patologia, podendo apresentar quadro de neurose, esquizofrenia, psicose entre outras patologias de ordem psíquica.

Cada vítima reage de maneira diferente ao trauma daí à importância do psicólogo, independente da sua abordagem clínica, direcionar a sua escuta para as queixas apresentadas no discurso do paciente que muitas vezes chega trazendo relatos de que seu maior desejo é recomeçar, porém não encontra forças para fazê-lo expondo toda a sua falta de autoestima para lutar por um recomeço, já que por vezes o grupo social (família, amigos, comunidade) em que estava inserido em alguns casos não é mais o mesmo em sua totalidade, trazendo como consequência as rotulações e o preconceito em relação ao ocorrido e principalmente sobre seu comportamento e atitudes que revelam seu real estado emocional.

Na fase durante o desastre, o psicólogo atua no socorro, assistência e reabilitação, em geral atuando juntamente com a equipe de primeira resposta, organizando as vítimas em grupos para dar continuidade aos atendimentos sejam eles em hospitais, abrigos, escolas ou até mesmo no próprio local.

A etapa que melhor deveria ser explorada para atuação do psicólogo com o intuito de prevenir a população, mitigar os possíveis danos psicológicos e preparar os agentes que atuam no suporte do atendimento das vítimas é a fase pré-desastre. Nesta fase é possível realizar um planejamento integrado entre saúde mental preventiva e o plano preventivo de desastres naturais.

Por fim acrescentasse que a psicologia das emergências e desastres, campo do sabor psicológico voltado para estudar e aplicar técnicas de psicologia a situações de desastres naturais, se faz presente no Brasil (Carvalho, 2009) em universidades, centros de saúde pública, Defesa Civil e outras autarquias governamentais, como também representado em sociedades sem fins lucrativos (exemplo: Associação Brasileira de Psicologia nas Emergências e Desastres – ABRAPEDE).

### **A psicologia e o planejamento ambiental**

O planejamento ambiental pode ser entendido como o estabelecimento de estratégias de ação de modo sistêmico, que visam o equilíbrio entre o ecossistema e a ação antrópica, com o intuito de racionalizar o uso e ocupação da terra (Santos 2004). A partir desse conceito é de fundamental importância que o planejamento ambiental atue para a prevenção, mitigação e preparação de desastres naturais, em especial os hidrológicos, como as enxurradas, inundação, alagamentos e movimentos de massa, pois esses desastres são agravados devido ao uso irregular do solo, principalmente a ocupação das áreas de preservação permanente.

Em geral, as áreas de preservação permanente (APP) são também áreas especialmente vulneráveis que se tem uma grande probabilidade de ocorrência de riscos de inundações, deslizamentos, alagamentos, entre outros (Carvalho 2012). Relata o mesmo autor que este fator de agravamento de riscos catastróficos é especialmente expressivo no caso brasileiro, uma vez que os desastres ambientais, cada vez mais corriqueiros no país, apresentam relação direta com a ocupação irregular de Áreas de Preservação Permanente (vegetação em topo e encostas de morros, nas margens de rios, lagos e lagoas, etc.)

No caso específico das ocupações irregulares em áreas vulneráveis, o gestor ambiental pode realizar através da psicologia duas medidas com fins preventivos e de mitigação: 1- a conscientização do risco envolvido, e a necessidade de mudança do local devido ao risco eminente com o devido respaldo legal e apoio governamental, 2 – o preparo para o aumento da resiliência mental caso o indivíduo permaneça no local frente ao risco.

As ações de planejamento ambiental para as situações de risco de desastre também podem ser integradas com políticas públicas de atenção primária da área da saúde, como as “clínicas da família”, presente em diversos municípios brasileiros. Desse modo a comunidade atendida pela clínica teria um programa específico voltado à saúde mental e emocional com suporte de uma equipe interdisciplinar, composta por psicólogos, psiquiatras e assistente social. Dentre as práticas preventivas e de mitigação tais profissionais podem articular uma série de atividades, que podem englobar desde atendimentos individuais e/ou sessões de psicoterapia em grupo ou com a família, acrescentadas por palestras, vivências e oficinas terapêuticas.

Dentro dos planos ambientais em geral está incluso a capacitação e treinamento de equipes, dessa forma com vistas à aplicação da psicologia nessa questão o psicológico pode atuar em oficinas de capacitação e vivências com o intuito de preparar essas pessoas para lidar com as diversas situações que exigem uma alta resiliência psicológica.

### **CONCLUSÃO**

A psicologia possui enorme campo de atuação dentro do planejamento ambiental para situações de emergências e desastres naturais, porém é percebido que para avançar é preciso maior integração entre os psicólogos e os profissionais da área ambiental.

Entende-se que o planejamento ambiental não atingi melhores resultados práticos pois o elemento “psique” não é introduzido dentro do plano, logo tratar de questões ambientais sem incluir as variações de percepção, cultura e “self” (a pessoa na sua individualidade e subjetividade) limita os êxitos da resolução de questões ambientais pois o ser humano é parte do ambiente.

Por fim, pressupõe-se que é necessária a criação de redes de contatos entre psicólogos e cientistas ambientais para desenvolver e aprimorar metodologias de confecção de planos ambientais que introduzam a psicologia moderna em suas diretrizes estratégicas.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Bardin, L. (2010). Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70 (Trabalho original publicado em 1977).

- Bruck, N. R. V. (2007). A psicologia das emergências: um estudo sobre angústia pública e o dramático cotidiano do trauma. Tese de Doutorado, Faculdade de Psicologia, PUCRS, Porto Alegre. Acesso em 20 março de 2018, em [http://tede.pucrs.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=726](http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=726)
- Brussels, (2012). Disponível em: [http://www.cred.be/sites/default/files/ADSR\\_2011.pdf](http://www.cred.be/sites/default/files/ADSR_2011.pdf). Acesso em 05 de abril de 2018.
- Campbell, A., Converge, P. E. & Rodgers, W. L. (1976). The quality of American life. New York: Russell Stage Foundation.
- Carvalho, A. C., & Borges, I. (2009). A trajetória histórica e as possíveis práticas de intervenção do psicólogo frente às emergências e os desastres. In V Seminário Internacional da Defesa Civil – DEFENCIL, São Paulo. Anais Eletrônicos Defensil. São Paulo: Parque Anhembi - Centro de Eventos e Convenções da cidade. Disponível em: [www.ceped.ufsc.br/wp-content/uploads/2009/01/artigo-29.pdf](http://www.ceped.ufsc.br/wp-content/uploads/2009/01/artigo-29.pdf). Acesso em: 15 maio 2011.
- Carvalho, D. W., (2012) Por uma necessária introdução ao direito dos desastres ambientais. Revista de Direito Ambiental, São Paulo, ano 17, v. 67, p. 107-145, jul-set, 2012.
- Fassin D, Rechtman R. (2007) L'empire du traumatisme: enquête sur la condition de victime. Paris: Flammarion.
- Guha-Sapir, D., Vos, F., Below, R., Ponserre, S. (2012) Annual Disaster Statistical Review 2011: the numbers and trends. CRED,
- Keyes, C. L. M., Shmotkin, D. & Ryff, C. D. (2002). Optimizing well being: The empirical encounter of two traditions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82 (6), 1007-1022.
- Mattedi, M. A. (2008). A abordagem psicológica da problemática dos desastres: um desafio cognitivo e profissional para a psicologia. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 28(1), 162-173.
- Noy, I. (2009) The Macroeconomic Consequences of Disasters. *Journal of Development Economics*, v. 88, p. 221-231.
- Ryff, C. D. & Keyes, C. L. M. (1995). The structure of psychological well being revisited. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69, 719-727.
- Sá, S. D., Werlang, B. S. G., & Paranhos, M. S. (2008). Intervenção em crise. *Revista Brasileira de Terapia Cognitiva*, 4(1), em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtc/v4n1/v4n1a08.pdf> Acesso em 15 de março, 2018.
- Santos, Rosely Ferreira dos (2004). Planejamento ambiental: teoria e prática. São Paulo: Oficina de Textos.
- Teixeira, E. (2000). As três metodologias (2a ed). São Paulo: Vozes.
- Valencio N, Siena M, Marchezini V. (2011) Abandonados nos desastres: uma análise de dimensões objetivas e simbólicas de afetação de grupos sociais desabrigados e desalojados. Brasília: Conselho Federal de Psicologia.
- World Bank & United Nations. (2010) Natural hazards, unnatural disasters: the economics of effective prevention. Washington, DC: The International Bank for Reconstruction and Development/The World Bank, 2010.